

Poesia da terra

Editora Feminas, selo Margaridas, 2024

Autora: Bárbara Matias Kariri

Ilustração: Gabriel Silva INDJA

Gênero: poesia

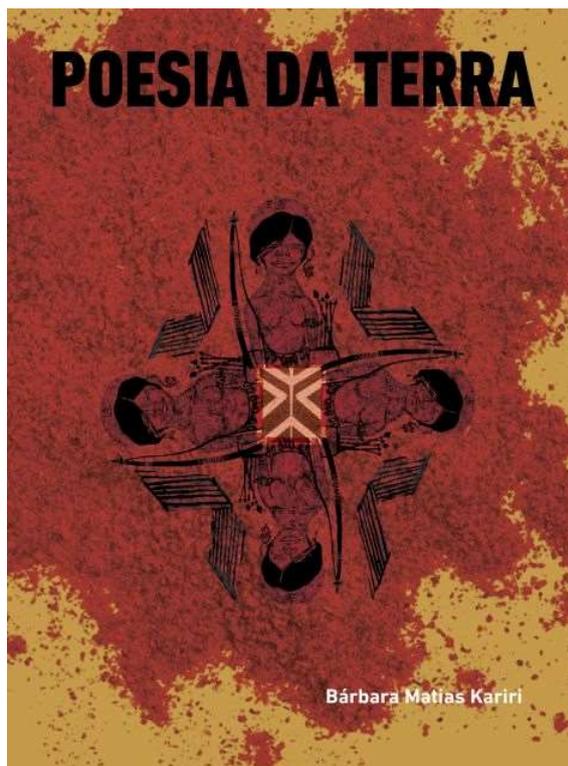
72 págs.

Do título até a última página, nos versos, cores e ilustrações, esta obra fala da terra, de certa terra indígena Kariri, impressa na memória da autora, Bárbara Matias Kariri. Classificado em primeiro lugar na categoria Poesia do ProAc-SP de 2023, o livro sai pela editora paulista Feminas.

Nascida em 1993 na comunidade do Mareco/Aldeia Marrecas, em Lavras de Mangabeira, interior do Ceará, onde viveu até os seis anos, a autora busca revitalizar em sua escrita a cultura tradicional do povo Kariri, enquanto reflete também sobre seu “apagamento”, o colonialismo e a sabedoria herdada dos seus ancestrais, a condição feminina, o Nordeste brasileiro.

A necessidade de Bárbara de autoexpressão pela palavra se manifestou bem cedo, ainda na infância. Um dos poemas de *Poesia da terra*, conta a autora, que também é atriz, foi escrito quando ela tinha apenas 11 anos de idade. Nessa época, sua aldeia, onde viviam em torno 500 famílias, já tinha sido desmantelada para dar lugar ao açude do Rosário de Quitaiús, construído no fim dos anos 1990.

Foi no começo da construção do açude que Bárbara viu pela primeira vez uma retroescavadeira, o “estupro” da terra, o estupro do corpo feminino, a área urbana de uma cidade (Lavras). Também viu desaparecer sob as águas do açude mangueiras e outras árvores centenárias, além do roçado de fumo, arroz e algodão. E viu seu povo dispersar-se, estrangeiro, por outras cidades e regiões, com a bagagem cheia de memórias – da



semente germinando, dos curandeiros, das parteiras, dos utensílios esculpidos no barro, das redes de dormir tecidas de algodão de lavra própria.

Poesia da terra é, assim, uma obra perpassada por memórias inclusive dessa violência, mas voltada à beleza e resistência da cultura Kariri.

Em 2001, parte da antiga comunidade de Quitaiús, cerca de 30 famílias, decidiu comprar um pedaço de terra em frente ao açude do Rosário e dar início à revitalização de sua cultura. No momento, constroem um museu, onde pretendem expor e preservar os objetos e artefatos que conseguiram salvar do “apagamento”.

“É uma luta difícil, em meio a muito trauma, medo, preconceito e desinformação”, diz Bárbara, lembrando que, embora seu pai seja um dos líderes do movimento, seus avôs ficaram com a saúde mental debilitada, devido à impossibilidade de “voltar pra casa”.

ProAc SP

A ideia do livro, primeiro de poesia de Bárbara Matias, que não se via poeta, surgiu da amizade no Instagram com a também escritora de origem indígena Janaú, como ela prefere ser chamada, em alusão ao “encantado” amazônico do seu território de origem e também o seu sobrenome familiar. Ao acompanhar os escritos de Bárbara na rede, Janaú a incentivou a publicar.

A primeira iniciativa foi contatar a Editora Feminas, voltada apenas para publicações de autoria feminina. Ao avaliar o potencial da obra, a editora Sandra Regina de Souza, poeta ela própria, propôs inscrevê-la no ProAc-SP.

Como a autora é cearense e mora no Ceará, o projeto argumenta que vários aspectos da obra justificariam o patrocínio pelo programa paulista de incentivo à cultura. “São Paulo é terra de migrantes, nordestinos principalmente, e várias aldeias indígenas ainda resistem no estado, inclusive na capital”, diz Sandra. “Seria também a oportunidade de diálogo por meio de um livro de caráter formativo para estudo de culturas indígenas nas escolas. E há ainda a urgência de outras narrativas”, acrescenta Janaú.

O livro inaugura mais um selo da Feminas, o Margaridas, voltado a autoras indígenas. É uma homenagem a Margarida Alves, importante liderança sindical e trabalhista na Paraíba, pertencente ao povo Kariri. “A Marcha das Margaridas, que reúne mulheres do Brasil todo em Brasília a cada dois anos, também a homenageia”, lembra Janaú, que assina a curadoria do selo.

“O desejo de uma mulher tem a força de uma flecha lançada”
(*Poesia da terra*, pág. 27)

Sobre a autora

Bárbara Matias, indígena do Povo Kariri, nasceu em 1993 na comunidade do Mareco (Aldeia Marrecas), Quitaiús, Lavras da Mangabeira (CE). Formada em Teatro, tem mestrado pela UFU e Doutorado em Artes, pela UFMG, define-se como “artista com urgência” e transita entre as artes da cena, audiovisual, escrita e curadoria. Idealizadora do projeto Coletiva Flecha Lançada Arte e Museu-Vivo das Marrecas Kariri.

Mais informações

Celia Demarchi

11 99742 1394 (tel./WhatsApp) /
demarchicelia@gmail.com